

## PLURALISMO E DIVERSIDADE: METÁFORA DA GENÉTICA À BIOÉTICA

### PLURALISM AND DIVERSITY: METAPHOR FROM GENETICS TO BIOETHICS

### PLURALISMO Y DIVERSIDAD: METÁFORA DE LA GENÉTICA A LA BIOÉTICA

Mário Antônio Sanches<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-5794-2272>

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba – Paraná – Brasil – [m.sanches@pucpr.br](mailto:m.sanches@pucpr.br)

**RESUMO:** Busca-se, neste ensaio, estabelecer uma relação entre pluralismo e diversidade que possa ser aplicada em contexto interdisciplinar de ensino da bioética. Trata-se de um ensaio, que dialoga com conhecimentos consolidados nas áreas envolvidas, impulsionado pela indagação: vislumbrando dados da genética que relaciona genótipo e fenótipo, poder-se-ia construir uma relação entre pluralismo e diversidade? O ensaio propõe que a realidade da genética que estabelece genótipo + meio = fenótipo pode ser proposta como metáfora para pluralismos + sociedade = diversidade. Aborda-se os pluralismos científico, cultural, religioso e filosófico. Paralela à afirmação em genética de que há mutações incompatíveis com a vida, apresenta-se também que a falta de sentido é incompatível com a vida humana. Como considerações finais, desenvolve-se uma proposta de valorização de pluralismos e diversidades.

**Palavras-chave:** Pluralismo; Diversidade; Metáfora; Genética; Bioética.

**ABSTRACT:** This essay aims to establish a relationship between pluralism and diversity that can be applied in an interdisciplinary context of learning of bioethics. It is an essay, which dialogues with consolidated knowledge in the areas involved, driven by the question: by glimpsing genetic data that relates genotype and phenotype, could a relationship between pluralism and diversity be built? The essay proposes that the reality of genetics that establishes genotype + environment = phenotype can be proposed as a metaphor for pluralisms + society = diversity. Scientific, cultural, religious and philosophical pluralism is addressed. Parallel to the statement in genetics that there are mutations incompatible with life, it is also presented that lack of meaning is incompatible with human life. As final considerations, a proposal is developed to value pluralisms and diversities.

**Keywords:** Pluralism; Diversity; Metaphor; Genetics; Bioethics.

**RESUMEN:** Este ensayo busca establecer una relación entre pluralismo y diversidad que pueda aplicarse en un contexto interdisciplinario de la enseñanza de la bioética. Es un ensayo, que dialoga con conocimientos consolidados en las áreas involucradas, impulsado por la pregunta: al vislumbrar datos genéticos que relacionan genotipo y fenotipo, ¿se podría construir una relación entre pluralismo y diversidad? El ensayo propone que la realidad de la genética que establece 'genotipo + medio ambiente = fenotipo' puede proponerse como una metáfora de pluralismos + sociedad = diversidad. Se aborda el pluralismo científico, cultural, religioso y filosófico. Paralelamente a la afirmación en genética de que hay mutaciones incompatibles con

la vida, también se presenta que la falta de sentido es incompatible con la vida humana. Como consideraciones finales, se desarrolla una propuesta para valorar los pluralismos y las diversidades.

**Palabras clave:** Pluralismo; Diversidad; Metáfora; Genética; Bioética.

## INTRODUÇÃO

Uma das características do pensamento hodierno é a exigência do todo, superação da fragmentação e o sonho de perspectivas de cuidado integral. A bioética é marcada por esta tendência onde a diversidade vem sendo destacada (Sanches *et al.*, 2020, Miji Viagem, 2025). Além deste contexto histórico, a interdisciplinaridade é importante para a bioética por uma necessidade intrínseca, pois o próprio conceito de bioética passa por diálogo entre áreas diversas do conhecimento. A bioética estará sempre ligada a todo o conhecimento que se dá nas ciências biomédicas e exige também reflexões das ciências humanas e sociais. Assim, a bioética desde seu início, “envolve os profissionais da saúde e todos aqueles que, com competência e responsabilidade, dispõem-se a refletir eticamente sobre a melhor conduta a ser prestada à pessoa humana, à sociedade, ao mundo animal e vegetal e à própria natureza” (Correia, 1996, 36). A questão que se coloca é: a interdisciplinaridade é suficiente para acolher os múltiplos olhares sobre a realidade?

Francisco de Assis Correia já afirmava, há quase trinta anos, que “a bioética não é só interdisciplinar, mas, também, intercultural” (Correia, 1996, p. 37). Entende-se que esta afirmação era mais uma manifestação de desejo do que a confirmação de uma realidade. A bioética continuava sendo uma disciplina excessivamente filha da cultura ocidental e incorporou, demasiadamente, traços da cultura onde nasceu, traços esses que inclusive dificultam o diálogo da bioética com outras sociedades (Cunha; Lorenzo, 2015).

Por isso, busca-se reafirmar que a bioética, dada a sua relevância e pertinência, precisa ser cada vez mais intercultural. Ela precisa se libertar das amarras culturais de origem se quiser ser fiel à sua vocação de campo de saber capaz de ser de fato promotora de vida integralmente. Caso contrário, a bioética corre o risco de ser apenas mais um instrumento da justificativa de dominação tecno-cultural. Para isto é necessário que a bioética se afirme, cada vez mais, em espaço plural e diverso. Desse modo, urge estabelecer dinâmicas e propostas que permitam elucidar novos mecanismos que possibilitem leituras diversas e plurais. Nesse contexto, é urgente que o ensino da bioética aborde a relação entre pluralismos e diversidades.

Para avançar na reflexão entende-se a necessidade de compreender pluralismos e diversidades, buscando estabelecer as possibilidades de relações entre estes termos, com o propósito de aplicar esta reflexão no contexto da bioética. Em qualquer dicionário ‘plural’ significa ‘mais de um’ e ‘diverso’ aponta para ‘variedade’, ‘diferente’. Aparentemente ambos os termos apontam para realidades não singulares e pretende-se neste trabalho defender que, mesmo que em alguns momentos eles são sinônimos, no contexto da Bioética eles não podem ser vistos como tais.

A Bioética, como ética aplicada, sonha com posturas convergentes, mas se depara com a diversidade de posicionamentos, de orientações e recomendações. Diversidade real que significa que tais posicionamentos, orientações e recomendações, não são convergentes porque fluem de pluralismos nem sempre explicitados. Genética se tornou uma área onde a diversidade é também valorizada e por isso, estabelece-se um diálogo com esta área para pensar as questões aqui abordadas (Hünemeier, 2024).

Busca-se, neste estudo, estabelecer uma relação entre pluralismo e diversidade que possa ser aplicada no contexto da bioética e das humanidades. A pergunta que impulsiona este ensaio, portanto, é: vislumbrando dados da genética que relaciona genótipo e fenótipo, poder-se-ia construir uma relação entre pluralismo e diversidade aplicável no contexto da Bioética? É importante indicar que não se trata de lançar dos últimos dados de pesquisa, mas recuar e lançar um olhar mais amplo sobre estas realidades, analisando elementos já consolidados nas diferentes áreas que são abordadas.

## A PROPOSIÇÃO DA METÁFORA

O contexto interdisciplinar da bioética permite que se apresente dados da genética como metáfora para abordar a questão da relação entre os termos estudados. Trata de se inspirar na relação entre genótipo e fenótipo para falar da relação entre pluralismo e diversidade. Entendendo genótipo como a composição genética formada pelo conjunto de alelos presentes em um indivíduo e o fenótipo como o conjunto de traços de um indivíduo. A possibilidade de alelos distintos ocuparem um determinado *locus* no genoma explica o pluralismo genotípico entre os seres vivos, incluindo, evidentemente, os seres humanos. Metáfora pode ser compreendida como uma figura de linguagem “Figura de linguagem em que há uma transferência do significado de uma palavra para outra, por meio de uma comparação não explícita” (Dicionário, 2025). O valor semântico de uma metáfora consiste no fato de duas coisas literalmente incomensuráveis serem colocadas juntas. Usualmente, uma metáfora parte

do conhecimento de senso comum, e quando não é o caso, ela precisa ser explicada. A metáfora que está sendo proposta lança dados de conhecimento em genética o que requer, portanto, certa explicação.

Segue-se assim uma primeira proposição da metáfora que está sendo sugerida: ‘genótipo=pluralismo’ e ‘fenótipo=diversidade’. Os traços fenotípicos dos seres vivos são variados, observáveis, muitas vezes visíveis e corresponde às características concretas de determinado espécime (tamanho, cor, peso...) e algumas de suas expressões ou condições vividas (comportamento, habilidades, doenças...). Tais traços fenotípicos são, por sua vez, expressões de genótipos, e, evidentemente, esta base genética não é verificável a olho nu. Aponta-se assim para a compreensão proposta: a diversidade de posicionamentos, manifestações sociais, orientações e recomendações (diversidade) são resultados de visões plurais de mundo, sendo estas últimas, mais difíceis de serem mapeadas e identificadas (pluralismo).

A história da genética estabeleceu também diferentes maneiras de compreender a relação entre genótipo e fenótipo e tal complexidade ajuda ainda mais a situar a metáfora que se propõem. Na chamada era clássica da genética, quando se estabeleceu o ‘dogma da genética molecular’ a compreensão dominante defendia a relação entre os termos de ‘um para um’. (Jochensen, 1997, p. 77), ou seja, “o DNA é transcrito para o RNA e o RNA traduzido em proteína. O fluxo dessa informação era visto como irreversível” (Falk, 2000, p. 228).

O grande desenvolvimento da genética no final do século XX trouxe também uma leitura mais complexa, e já no início do Projeto Genoma Humano, se tinha clareza que um determinado traço fenotípico pode ser a expressão de muitos fatores genéticos. Assim o próprio desenvolvimento desta ciência denuncia a tendencia simplista do reducionismo (Rose; Lewontin; Kamin 2000) e do determinismo (Lewontin, 1992) genéticos escondidos no dogma e se chega a uma nova compreensão: mais de um gene pode contribuir, em uma interação complexa, para sintetizar traços fenotípicos. Paralelamente a este desvendar da realidade interna da genética, cresceu também o conhecimento e a consciência da relação entre genes e meio (Hünemeier, 2024). Desse modo chega-se a uma nova compreensão na genética: gene + meio: fenótipo. Destacando que esta relação não é simples e não se dá mesmo modo para cada traço fenotípico e pode variar entre os indivíduos.

Assim, constrói-se os elementos fundamentais para a metáfora que está sendo proposta: quando se fala de diversidade, no contexto da bioética, se refere à variedade observável de práticas, posturas, posições, análises, recomendações. Toda esta diversidade emana de visões

plurais de mundo, nem sempre explicitadas. Este pluralismo se define mais claramente como científico, cultural, religioso e filosófico.

Como muitos fatores genéticos podem contribuir para determinado fenótipo, ou não, também os múltiplos pluralismos podem, separados ou simultaneamente, fomentar a diversidade de posicionamento, práticas e posturas. Do mesmo modo que o meio impacta na relação entre genótipo e fenótipo, também os pluralismos científico, cultural, religioso e filosófico são impactados pelos contextos sociais, ou seja, por realidades históricas, econômicas e políticas. Desse modo, a metáfora se dá também com uma leitura interativa: Pluralismos + sociedade: diversidades.

## **DO PLURALISMO CIENTÍFICO À INTERDISCIPLINARIDADE**

A proposição desta metáfora, no âmbito da bioética, busca evitar que a diversidade – concretamente manifesta em nosso meio - se torne motivo de divisões e confrontos, mas que conduza à busca de entender o pluralismo que a diversidade oculta e o meio social que a impulsiona. Tem-se consciência de que o assunto exige diálogo com perspectivas distintas, pois há inúmeros autores e teses por trás de cada um dos pluralismos que aqui se refere: científico, cultural, religioso e filosófico. No entanto, ousa-se distinguir o pluralismo científico dos outros tipos de pluralismos.

No âmbito da bioética o pluralismo científico, que é acolhido de bom gosto e é defendido como essencial, usualmente se expressa na compreensão de interdisciplinaridade ou seus termos correlatos multidisciplinaridade/transdisciplinaridade. Há debates a respeito da distinção entre estes termos (Altheman, 2024), mas o que importa para a análise em questão é que o debate se situa como um pluralismo de ‘disciplinas’ científicas. Desenvolve-se, assim, perspectivas dialogantes, mas sempre no escopo das ciências, e não raramente com uma compreensão de ciência sob a ótica positivista. É como se um grupo de pessoas entrasse em uma sala para dialogar, combinando fora da sala que se chega à verdade a partir, sempre, de princípios da ciência: “conhecimento universal, empiricamente comprovado”.

Desse modo, o pluralismo científico, que deve ser devidamente valorizado, é compreendido como uma fragmentação da realidade – definindo o objeto estudado, e o método utilizado. Respeita-se a variedade de métodos existentes no âmbito de cada ciência, pois é evidente que os métodos das ciências da natureza se distinguem nos métodos das ciências humanas e das ciências sociais. Com isso, o pluralismo científico, que muito contribui para o

avanço do conhecimento – divide a realidade em partes e desenvolve métodos que possibilitem conhecer tais partes – revela assim também seu limite: é preciso aceitar que a realidade pode ser conhecida plenamente a partir de métodos bem delineados. Além disso, em diálogo com Max Weber, Fátima Ferreira Roquete *et al.* (2015) recordam elementos importantes que se aplica à bioética, enfatizando que não basta uma abordagem científica para a tomada de decisão, pois “uma tomada de posição não pode, nunca, ser feita em nome da ciência”. Isto não significa que: “o homem da ciência não possa ou não deva tomar uma posição; muito pelo contrário, significa que, ao fazê-lo, não pode afirmar que ela é científica, sendo preciso alertar o ouvinte, quando cessa de falar o pesquisador e começa a falar o homem de vontade” (Roquete *et al.*, 2015, p. 186).

Reconhece-se que foi a própria ciência – inicialmente focada nas ciências da natureza – que se abriu para acolher o que foi chamado de ‘ciências do espírito’ e isto possibilitou uma compreensão mais ampla da realidade e que conduz a uma compreensão crítica dos limites do próprio método científico, se abrindo a outras leituras da própria ciência. O pensamento acadêmico atual – onde se situa a reflexão – precisa enfatizar que há compreensões de realidade que não quer, nem pode, se submeter totalmente ao método científico. Isto nos leva aos outros pluralismos: culturais, religiosos e filosóficos. Nota-se que estes pluralismos são estudados também por ramos da ciência atual: cultura (antropologia, sociologia...), religiões (ciências da religião, teologia...), filosofia... Estas disciplinas lançam mão também de métodos científicos, mas sabem que estão lidando com aspectos da vida humana que os métodos desvendam parcialmente, apenas se aproximam e, muito frequentemente, o que se consegue fazer é apenas “interpretações de interpretações” (Geertz, 1989).

## O SENTIDO COMO ELEMENTO CENTRAL

Em genética sabe-se da importância do genótipo, pois ali a genética aponta para a base bioquímica plural da vida e desvela elementos fundantes, embora saiba-se que a vida não se reduz a esta base, se reconhece que sem elementos bioquímicos não há seres vivos. Tais bases bioquímicas são dispostas de modo específico na formação dos genomas de cada espécie e, embora cada genoma acolha várias alterações, sabe-se que há alterações que são incompatíveis com a vida. Por sua vez, na metáfora proposta, os pluralismos que estão aqui contemplados - culturais, religiosos e filosóficos - apontam para um outro elemento essencial: a questão do sentido. Para os seres humanos, a falta de sentido também é incompatível com a vida. Cada um

destes pluralismos precisa ser desenvolvido e explicitado, mas o que se segue, devido ao limite deste texto, é uma abordagem ampla com o foco na questão do sentido.

Schwobel (2000, p. 9) afirma que “o *Homo sapiens* é sempre o *homo* significante”. Pertence-se a uma espécie com algumas exigências extras e com características próprias. *Homo sapiens* é a única espécie de ser vivo que não apenas está viva, mas sabe que está viva e procura compreender o porquê, a única que “é capaz de criar uma linguagem da linguagem, uma regra-de-regras” (DaMatta, 1987, p. 32). Para esta espécie – *Homo sapiens* - sobreviver é importante, mas não suficiente, pois precisa sobreviver de maneira significativa; alimentar-se é importante, mas não suficiente, transforma o ato de alimentar-se num ritual social; se aquecer é importante, mas não suficiente, transforma a própria roupa numa marca de sua posição no grupo em que vive. Além disso, um(a) *Homo sapiens* investe grande parte de seus recursos em atividades que seriam absolutamente dispensáveis se ele(a) compreendesse a si mesmo(a) apenas como um ser biológico. São atividades que ajudam o ser humano não apenas a viver, mas viver num mundo significativo.

Abordar o significado da vida na terra como um todo, e o sentido da vida humana em particular, pode parecer exatamente uma destas atividades desnecessárias para a constituição biológica do ser humano. No entanto, se a vida fosse, em última instância, sem sentido, que diferença faria se ela fosse extinta da terra daqui a milhões de anos ou prematuramente? (Griffin, 2000, p. 4). Se a vida humana não tem sentido, por que então investir enormes quantias de recursos para decifrar seus fundamentos biológicos? Para o ser humano, aquilo que aparentemente não tem valor, se revela como decisivo, o que é aparentemente insignificante acaba se manifestando como extremamente precioso e o que não alimenta sua estrutura biológica acaba se definindo como essencial para que o organismo continue lutando pela sobrevivência.

Desse modo, se reconhece que “quando chegamos ao ponto do que nos faz diferentes de outras criaturas a ciência responde a todas as perguntas, exceto as interessantes” (Jones, 2000, p. 327). É inegável que o ser humano é um ser biológico, mas quando a questão é explicar a unicidade humana, ou a complexidade de seu comportamento e realizações, encontra-se diante de um impasse, pois aí a biologia não explica muito, pois de fato “nós transcendemos as leis biológicas que se aplicam em todos os outros lugares” (Jones, 2000, p. 327).

No contexto da metáfora proposta se vislumbra aqui um elemento central, da biologia à vida como um todo: algumas mutações genéticas, bem como a total falta de sentido, são incompatíveis com a vida humana.

## PLURALISMO: DIVERSIDADE DE SENTIDOS

Uma certa visão da cultura – muito em voga no mundo midiático – a define a partir de fenômenos observáveis e, deste modo, fala-se em diversidade cultural: diversidade de costumes, idiomas, expressões artísticas, indumentárias, culinárias. Há definições de cultura que afirmam que tais fenômenos são resultados de mecanismos mentais plurais que definem visões de mundo e modo de ser e de se compreender no mundo (Geertz, 1989; Moraes, 2024). Defende-se aqui a necessidade de atenção a este pluralismo cultural, caso contrário dedica-se muita energia em tentar entender a diversidade observável da cultura, sem vislumbrar o pluralismo que a gera.

Desse modo, se dedicar à compreensão de pluralismo cultural é se abrir à uma múltipla possibilidade de construções de sentido para a realidade como um todo e para a própria vida. Sahlins (1979, p. 7) afirma que “as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural”. Essa dinâmica de dar sentido às coisas a partir de “compreensões preexistentes” está afirmando que nosso olhar não é neutro, que pelo contrário, olha-se para as coisas a partir de um sentido e na busca de sentido.

Assim, o avanço do conhecimento vai nos colocando exatamente no centro da problemática do sentido: a bagagem cultural e histórica do observador humano marca profundamente a maneira como este interpreta o mundo e a si mesmo. Estes avanços vão mostrando que a pessoa humana não é apenas um produto da natureza nem do meio em que vive, mas pelo contrário é ela que organiza o mundo ao seu redor a partir de seu referencial simbólico, pensa sua realidade a partir de sua cultura, a partir de um termo que constitui a unidade da ordem cultural: o significado (Sahlins, 1979). Franz Boas, já no começo do século XX, afirmou que a realidade orgânica não procede do inorgânico, o mundo subjetivo não procede do objetivo, nem a mente do mundo, e finalmente, nem a cultura procede da natureza. Esta problemática se resume na célebre frase: “O olho que vê é o órgão da tradição” (Sahlins, 1979, p. 78).

É importante perceber que um traço cultural, por mais bizarro que possa parecer aos nossos olhos, sempre tem um sentido para a cultura onde é praticado. Um determinado comportamento ou prática, numa determinada cultura, pode não coincidir com o que a ciência moderna recomenda como correto e pode também não ser o mais econômico possível. No entanto, nunca se pode dizer que um traço cultural não faça sentido. As pessoas não convivem

com rituais sociais e religiosos que não façam sentido para elas. Isto porque, construir significados não é apenas uma parte da vida social, mas sua verdadeira “coluna vertebral” (Suess, 1989, p. 89).

Os pluralismos cultural e religioso estão interligados desde que se lance mão de um determinado conceito de religião. Paul Tillich fala de dois conceitos de religião. Num primeiro conceito “religião está incondicionalmente vinculada com o sentido da vida da pessoa” (Tillich, 1988, p. 159). Ser religioso, neste sentido, é “estar ultimamente vinculado”. Este primeiro conceito de religião serve como fundamento para o outro conceito, segundo o qual religião é um “grupo social com símbolos de pensamento e ação” (Tillich, 1988, p. 160). No primeiro conceito, ser religioso significa “pedir apaixonadamente o sentido da nossa existência e estar desejoso de receber a resposta, mesmo que isso doa” (Tillich, 1988, p. 42) Tal ideia torna a religião universalmente humana, mas ela certamente difere do que é usualmente chamado religião.

Em outras palavras, a busca do sentido da vida, que é a essência da dimensão religiosa, exige, na prática, um movimento de transcendência das religiões concretas e particulares. Isto porque “cada religião é em si mesma um fenômeno cultural” (Tillich, 1988, p. 160), e a dimensão religiosa fundamental, transcendendo as culturas, transcende também as religiões particulares. Transcender aqui não pode ser compreendido como superar ou extinguir. Sem as religiões concretas o sentido fundamental da religião não se realiza, não se torna real numa determinada sociedade e cultura, pois como afirma Hefner (2000, p. 91), “cultura é onde a religião acontece; religião está localizada dentro da cultura”.

Abordar o pluralismo filosófico é também desafiante, mas o que se estabelece aqui é apenas uma constatação de a relação entre filosofia e sentido, embora os termos desta relação sejam diversos, complementares ou divergentes. É tarefa da filosofia – na visão clássica – indagar a respeito do sentido da existência e buscar sua ancoragem metafísica. Há perspectivas que relacionam sentido e linguagem e outras que apregoam a negação de sentido. Assim a filosofia – que estabelece uma pluralidade de sentido à vida e/ou a sua negação – precisará ser trazida para o debate toda vez que a diversidade é verificada e confrontada.

Desse modo, as ciências – ou ramos do saber - que estudam o sentido, encontra seu próprio limite: sabe que a realidade não é devidamente conhecida, mas interpretada. E deixa espaço para uma indagação que vai além da própria ciência: como lidar com sentidos de vida que o investigador não consegue compreender?

Nesse ponto, honestamente, resta a humildade: os sentidos de vida das pessoas podem não fazer sentido para quem investiga. Neste momento há duas opções: a) retroceder ao histórico enquadramento do outro na visão de mundo dominante e assim definir este outro como gentio, bárbaro, pagão, primitivo, selvagem, atrasado, retrógrado... ou, b) reconhecer que este outro é plenamente humano e que o sentido da humanidade não se esgota em uma única visão da realidade. Esta segunda opção é desafiante, pois implica em aceitar limites que não são facilmente apregoados: outro ser humano pode assumir sentidos de vida que estão fora do que a sociedade ocidental - com todo seu aparato científico – compreende como possíveis.

Esta percepção, de que por detrás das diversidades com que se lida no cotidiano podem residir uma visão plural de mundo, é urgente em bioética, caso contrário promove-se guerras entre grupos e pessoas, ao invés de promover diálogo e tolerância. Mas a metáfora proposta – genótipo=pluralismos/fenótipo=diversidades - exige ainda a contemplação do meio, a sociedade.

## O MEIO SOCIAL E SOCIEDADES PLURAIS

Anteriormente, enunciou-se que os múltiplos fatores genéticos são impactados pelo meio e estudar expressão gênica inclui estudar a presença ou ausência de elementos ambientais. Isto abre uma complexidade enorme, mas o sistema como um todo é de fácil compreensão: uma criança pode ter uma herança genética favorável a desenvolver determinado fenótipo (a inteligência, por exemplo), mas a ausência de um meio adequado (como a alimentação nos primeiros anos de vida) compromete de modo irremediável a plena expressão fenotípica esperada (capacidade cognitiva).

Para a metáfora que está sendo proposta, os múltiplos pluralismos não explicam sozinho as diversidades com as quais lida-se concretamente, isto porque estes pluralismos são também impactados pelo meio social. DaMatta (1987) compara a relação entre cultura e sociedade com um teatro: a peça literária escrita é a cultura e o show que se assiste é a sociedade, pois entra em cena também as habilidades interpretativas de atores e atrizes. Aponta-se, assim, que a sociedade – também no plural – sociedades, são concretas e desenvolvem mecanismos próprios, sujeitos a processos históricos.

É notável que os pluralismos acima relacionados impactam e são impactados pelos mecanismos sociais: uma determinada religião desenvolve uma gama de nuances diferentes, conforme a sociedade onde se desenvolve. Uma determinada cultura – de um determinado povo

– pode ressignificar a realidade e se transformar ao longo da história, com a transformação da sociedade.

Para a bioética – contexto desta reflexão – o direito é uma área que precisa ser devidamente contemplada, o que não será explorado aqui. Mas pode-se dizer que o direito se situa como um forte elemento deste meio social – cada sociedade com seu próprio estatuto jurídico – que interage e influencia os pluralismos estudados.

## Considerações Finais

Vislumbrar múltiplos sentidos de vidas desafia o status quo: tudo o que se construiu na sociedade ocidental, poderia ter sido construído de outras maneiras. Aceitar isto é renunciar a certas verdades – as que são estabelecidas a partir do enquadramento do diferente - e situar estas verdades como elaboração de um sentido próprio, ciente de que outros olhares, outros sentidos, outras verdades são possíveis. Esta é uma tarefa desafiante no contexto do ensino da Bioética, por outro é a riqueza que este campo do conhecimento pode oferecer à sociedade como um todo.

Desse modo, apresenta-se nas considerações uma proposta: o respeito ao pluralismo e a valorização da diversidade, partindo do reconhecimento do outro. O outro, a outra, impõem suas existências, estão às vistas. Como lidar com isto? A realidade do outro e da outra não é mono, mas polissêmica; não é única, mas expressa pluralismo. O momento exige que a humanidade festeje a diversidade, não apenas suporte sua presença. Que seja acolhida como um elemento enriquecedor e não como um infortúnio imposto, devido ao fato inegável de que os humanos são plurais.

Negar a diversidade é impossível, por isso as pessoas e povos com projetos de dominação forjam teorias - com alcinha de ciência ou em nome de algum deus - que classificam a si mesmos como superiores e outros como inferiores. Assim, o modo de lidar com diversidade se torna sutil e perverso. Seria, por acaso, tão difícil perceber que afirmar “o outro não tem direito a existir” ou dizer “o outro é inferior” carrega a mesma lógica de dominação? Assim, passa-se de uma pauta pessoal para uma pauta política e coletiva, pois quando se acalenta que um simples fragmento de diversidade possa ser excluído, dá-se a dica e a permissão para a exclusão de si mesmo. Sim, negar a diversidade é a mais sutil e astuta agenda dos ditadores de plantão. Os regimes autoritários não podem permitir que o plural e o diverso existam, pois cultuam a si mesmos. Precisam suplantar o outro, para fazer reluzir a própria egolatria.

Reconhecer que a diversidade notada nasce da condição plural da humanidade, é o movimento mais revolucionário dos tempos atuais, o mais democrático dos impulsos, pois valorizar a diversidade é raciocinar a partir da premissa de que todos – exatamente todos – contam. Reconhecer que há visões plurais de mundo que gera a diversidade, é admitir que a diversidade nasce da condição da humanidade e não precisa ser explicada, não pode ser classificada, muito menos escalonada ou padronizada, pois, em última instância, a diversidade é o reflexo da vida que é, por sua vez, expressão de múltiplas luzes.

Assuntos recorrentes em Bioética que precisam ser, urgentemente, analisados a partir de uma compressão adequada dos pluralismos envolvidos são muitos, mas sugere-se aqui alguns: início da vida, aborto, infanticídio, questões de gênero, transplante de órgãos, transfusão de sangue, funerais, luto, dentre outros. Urge, portanto, compreender os pluralismos em busca de um posicionamento bioético amplo: acolher, cuidar e promover a vida em toda a sua complexidade.

## Referências

ALTHEMAN, Edman. A interdisciplinaridade no ensino superior: características de suas práticas e dificuldades para sua implementação. **Revista Multidisciplinar de Ciências Gerais in Focus**, v.1, n. 1, p.24-30, 2024.

CORREIA, Francisco de Assis. Alguns desafios atuais da bioética. *In*: PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de (orgs.). **Fundamentos da bioética**. São Paulo: Paulus, 1996.

CUNHA, Thiago Rocha da; LORENZO, Cláudio. Bioética global na perspectiva da bioética crítica. **Revista Bioética**, v. 22, n. 1, jan./abr., p. 116-125, 2014.

DICIONÁRIO on line de Português. 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/metafora/>.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FALK, Raphael. The gene a concept in tension. *In*: BEURTON, Peter J.; FALK, Raphael; RHEINBERGER, Hans-Jorg (eds). **The concept of the gene in development and evolution: historical and epistemological perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FERREIRA, Mariana Toledo. A questão universitária em Max Weber: entre Escritos Metodológicos e Sociologia Política. Plural. **Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 22, n. 1, p.182-208, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GRIFFIN, David Ray. **Religion and scientific naturalism**: overcoming the conflicts. Albany, NY: State University of New York Press, 2000.

HEFNER, Philip. Imago Dei: The possibility and Necessity of the human person. *In*: GREGERSEN, Niels Henrik; DREES, Willem B.; GORMAN, Ulf (eds). **The human person in science and theology**. Grand Rapids, Michigan: Willian B. Erdmans Publishing Company, 2000.

HÜNEMEIER, Tábita. Biogeographic Perspectives on Human Genetic Diversification. **Molecular Biology and Evolution**, v. 41, n. 3, msae029, mar. 1, 2024.

JOCHENSEN, Henk. Reducing people to genetics. *In*: KILNER, John F.; PENTZ, Rebeca D.; YOUNG, Fran E. (eds.). **Genetic ethics**: do the ends justify the genes? Cambridge: Wm. B. Eerdmans-Lightning Source, 1997.

JONES, Steve. **Darwin's ghost**: the origin of species updated. New York: Random House, 2000.

LEWONTIN, Richard. **Biology as ideology**: the doctrine of DNA. New York: HarperPerenial, 1992.

MIJI VIAGEM, Laurindo Carlos. Cuestiones éticas en la relación asistencial multicultural: un desafío para los profesionales sanitários. **Revista Iberoamericana de Bioética**, n. 27, p. 1-15, 2025.

MORAIS, Isadora Cristinny Vieira de; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Conceitos de cultura e suas abordagens: o desafio da existência humana. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-24, 2024.

ROQUETE, Fátima Ferreira *et al.* Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: em busca de diálogo entre saberes no campo da saúde coletiva. **Revista de Enfermagem Cent.-Oeste Min**, v. 2, n. 3, p. 463-474, 2012.

ROSE, Steven; LEWONTIN, Richard; KAMIN, Leon. Not in our genes: biology, ideology and human nature. *In*: STEVENSON, Leslie (ed). **The study of human nature**. Second Edition. New York / Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 303-315.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SANCHES, Mário Antônio *et al.* Perspectivas bioéticas sobre tomada de decisão em tempos de pandemia. **Revista Bioética**, v. 28, n. 3, p. 410-417, 2020.

SCHWOBEL, Christoph. The church as a cultural space: eschatology and ecclesiology. *In*: POLKINGHORNE, John; WELKER, Michael (eds.). **The end of the world and the ends of God**: science and theology on eschatology. Harrisburg, Pennsylvania: Trinity Press International, 2000.

SUESS, Paulo. Inculturação: desafios, caminhos, metas. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 49, n. 193, p. 81-126, 1989.

TILLICH, Paul. **The spiritual situation in our technical society**. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1988.

### **SOBRE O AUTOR**

**Mário Antonio Sanches**. Doutor em Teologia pela EST, com pós-doutorado em Bioética pela Universidad Pontificia Comillas, Madrid. Docente na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Líder do grupo de pesquisa Teologia e Bioética. <http://lattes.cnpq.br/3895854709901233>

### **Como citar**

SANCHES, Mário Antonio. Pluralismo e diversidade: metáfora da genética à bioética. **Revista Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-14, jan./dez., 2025.